

VIOLÊNCIA, MÍDIA E ORDEM ESTABELECIDADA

Recentemente órgãos de imprensa de Salvador noticiaram o assassinato de uma senhora idosa. O fato ocorreu na cidade de Itabuna, no interior da Bahia, e os responsáveis pelo crime foram a filha da vítima e seu namorado. De acordo com o depoimento do casal, o assassinato foi motivado pelo fato de que a vítima não concordava com o namoro dos jovens.

Alguns telejornais ouviram vizinhos da vítima a respeito de seu relacionamento com a filha assassina. As pessoas declaram-se surpresas com o crime, entretanto, indicaram que o relacionamento entre mãe e filha era muito bom até o momento em que a garota se envolveu com aquele que mais tarde seria seu cúmplice no assassinato de sua mãe.

Um dos aspectos noticiados e através do qual é indicada a frieza dos algozes refere-se ao fato de que após o assassinato ocorrido na cozinha da residência da vítima, os jovens dirigiram-se ao quarto da senhora e ali mantiveram relações sexuais. Um outro elemento que dá consistência ao caráter frio dos assassinos diz respeito ao modo com que os mesmos referem-se aos fatos.

Os principais meios de comunicação de Salvador noticiaram o acontecimento, ouviram fontes locais, além das falas policiais. Concorreram com esta notícia o assassinato de um garçom em Porto Seguro, praticado por estudantes de classe média de Brasília, e a morte de duas estudantes de uma escola particular de Salvador, praticada por um colega de sala.

Em termos de posição na agenda midiática, o acontecimento de Porto Seguro tem adquirido maior visibilidade e, como não acontece habitualmente, estão sendo pautados ocorrências que dão conta das conseqüências do crime em termos institucionais, permitindo-se, com este tratamento, identificar os rituais específicos do judiciário, em outras palavras: o que acontece quando a polícia entrega o caso à justiça?

No caso em acompanhamento, mais uma vez os acusados são jovens. Diferentemente do casal que assassinou a senhora, dispõem de uma boa condição financeira capaz de contratar o serviço de uma equipe de advogados brasileiros que estão atuando no caso em Porto Seguro. Alguns órgãos de mídia falam em oito profissionais, outros chegam a vinte. A magnitude dessa assistência é reveladora da inserção social dos réus.

O caso do assassinato do garçom, no que se refere à atenção midiática, adquiriu status de acontecimento nacional, como se pode notar pela sua inserção no noticiário que se designa como do País. Dentro desse espaço estão os fatos relacionados ao crime organizado, especialmente à figura de Fernandinho Beira Mar, as rebeliões em presídios como aquelas que ocorreram recentemente no Rio de Janeiro.

Nos últimos dias, o assassinato de um casal da elite paulistana, em 7 de novembro de 2002, enquadrou-se imediatamente no perfil de acontecimento nacional. A morte de uma médica e de um engenheiro, planejada pela filha do casal, seu namorado e um irmão deste. O

caso tem muitas semelhanças ao que ocorreu em Itabuna. Também ali, o crime foi praticado dentro da casa das vítimas. Após os assassinatos os culpados foram para um motel para obterem um álibi, demonstrando frieza. O motivo alegado pelos envolvidos foi o fato de que os pais da jovem não aceitavam o seu relacionamento com o namorado. Entretanto, há um fator que distancia bastante uma situação da outra: no caso ocorrido em Itabuna, os envolvidos são pobres enquanto que em São Paulo, basta ver a residência das vítimas para que se possa concluir tratar-se de pessoas detentoras de boas condições financeiras.

Por que um caso enquadra-se como ocorrência nacional e outro fica restrito à ordem dos acontecimentos locais? Por que um crime faz desencadear reflexões, falas de múltiplos peritos enquanto outro que envolve valores semelhantes não dispõe da mesma potencialidade?

Tanto no caso do assassinato do garçom em Porto Seguro quanto no dos homicídios em São Paulo há um ponto sobre o qual a ameaça ao sistema fica cristalizada. Desta vez, são

aqueles que são favorecidos pela ordem estabelecida que se voltam contra ela. É por esse motivo que a mídia, sem maiores cálculos mas com suficiente ideologia, busca revelar o que estaria ocorrendo com a ordem. Há nisso uma tácita admissão de tolerância quando a violência homicida envolve indivíduos pobres. Nestes casos é não possível dizer como escreve a revista Istoé de 13 de novembro de 2002: universitária, bonita, nascida em berço privilegiado, Suzane Louise von Richthofen, 19 anos, tinha tudo para um futuro promissor...

Aos algozes pobres que matam pobres o discurso fica circunscrito ao ato. Como especular sobre o futuro enquanto fator que poderia levar a cálculos mais prudentes? Por mais indignada que seja a construção midiática, o próprio poder da indignação fica restrito a valores morais ou religiosos como por exemplo: *não matarás!* A isto se soma uma dimensão da condenação moral e ética: *a própria mãe!* Esses ingredientes permitem que o caso fique entre aqueles considerados intrigantes e merecedores, por exemplo, de um cartão vermelho no programa Balanço Geral, da TV Record.

Quando o algoz ou a vítima “tinha tudo para ser feliz”, a produção midiática a respeito do fato violento “inesperado” lança mão de uma abordagem que oferece o lamento e a preocupação como produto. A mensagem subjacente é: perigo: há sinais de desordem dentro da ordem!

Quando, ao contrário, os acontecimentos violentos atingem indivíduos previamente marginalizados, a produção midiática se concentra, predominantemente, na resposta que a ordem institucional oferece contra quem se insurge contra ela.